



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE FILOSOFIA**

**GICÉLIA VIEIRA DE SOUSA**

**AMIZADE E FELICIDADE EM ARISTÓTELES**

**Campina Grande – PB**

**2014**

**GICÉLIA VIEIRA DE SOUSA**

**AMIZADE E FELICIDADE EM ARISTÓTELES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

**Orientador:** Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

**Campina Grande – PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725a Sousa, Gicélia Vieira de.  
Amizade e felicidade em Aristóteles [manuscrito] / Gicélia  
Vieira de Sousa. - 2014.  
18 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,  
Departamento de Filosofia".

1. Filosofia Aristotélica. 2. Amizade. 3. Virtude. 3.  
Felicidade. I. Título.

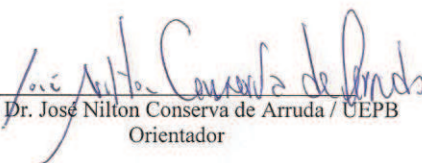
21. ed. CDD 185

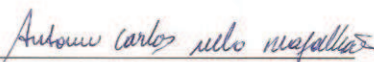
GICÉLIA VIEIRA DE SOUSA


**Amizade e felicidade em Aristóteles**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 11/03/2014.

  
Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB  
Orientador

  
Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães / UEPB  
Examinador

  
Prof. Ms. Marianne Sousa Barbosa / UEPB  
Examinadora

## RESUMO

O artigo objetiva apresentar as relações entre as amizades e a felicidade. Para melhor compreender essas relações apresentamos como Aristóteles vai caracterizar a natureza das amizades, suas origens e classificações, colocando assim a prática das virtudes como um dos pressupostos fundamentais para a experiência da felicidade humana. Porém, o modo como Aristóteles desenvolve o tema da felicidade não se afasta da construção de organizações políticas e sociais que possibilitem a vivência comum da felicidade. Por essa razão, apresentamos como o filósofo argumenta sobre a diversidade das virtudes e caracteriza a amizade como a mais perfeita dentre todas elas, de modo que possa ser tomada como um fator mais importante que a justiça.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amizade. Virtude. Felicidade.

## AMIZADE E FELICIDADE EM ARISTÓTELES

*“O amigo é um outro eu. Sem amizade o homem não pode ser feliz.”*  
(Aristóteles.)

## INTRODUÇÃO

A expressão acima indica a problemática que desejamos explorar em nosso artigo: a reflexão desenvolvida por Aristóteles em sua obra a *Ética a Nicômaco* a respeito da relação entre a felicidade e a amizade. Sabendo que Aristóteles classifica a amizade em três modalidades, buscaremos entender as relações e a natureza das amizades, bem como sua origem e suas respectivas classificações, para entendermos que tipo de amizade está diretamente relacionada com a felicidade. Antes de analisar propriamente essa relação, precisamos compreender como é caracterizada a excelência moral em Aristóteles, pois sua ética é racionalista.

A razão prática é aquela que diz respeito ao agir ético, assumindo uma função essencial na medida em que a vida virtuosa é tomada como um pressuposto para a felicidade. O acento posto no ideal da felicidade como o fim da vida virtuosa faz com que a Ética de Aristóteles seja teleológica, em que é orientada para um fim. Tal doutrina ética, conhecida como *eudamonismo*, prescreve que nossas atitudes devem buscar a felicidade através de ações virtuosas. Ações virtuosas que visam alcançar o equilíbrio entre os extremos, nem a falta, nem o excesso, pois a virtude está no meio, no equilíbrio conquistado com esforço. Em posição de destaque se encontra a amizade, como virtude

necessária no compartilhamento da felicidade. Procuramos compreender aspectos fundamentais da reflexão aristotélica sobre o agir ético.

## **RAZÃO E DESEJO**

Aristóteles compreendeu que a moralidade ou a excelência moral está diretamente relacionada com as escolhas que são pautadas pela razão, ou seja, quando somos capazes de discernir entre a razão e o desejo. Ele afirma que:

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com escolha e consiste numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta (ARISTÓTELES, 1996, p. 144-145).

A excelência moral está vinculada aos prazeres e às dores, em ambas podemos encontrar atuando as ações e as paixões. Por impulso dos prazeres, fazemos atos vis ou impensados, ou seja, não determinamos o nosso agir pela razão; da mesma forma que pela dor nos retraímos das ações belas. Sendo assim, a excelência moral orienta a nossa relação com os prazeres e com as dores, fazendo-nos contornar o excesso ou a falta, mantendo-nos no meio.

A reta razão se afirma como o caráter deliberativo da alma que guia a nossa ação no caminho das virtudes, e as virtudes são entendidas como uma mediania, um meio termo entre extremos. A reta razão é caracterizada a partir da compreensão aristotélica de alma. A alma tem uma natureza dupla: uma parte racional e outra não racional. A parte racional, por sua vez, também é dividida em outras duas partes: científica - voltada para as coisas imutáveis - e calculativa - que delibera a respeito das coisas mutáveis. Duas sabedorias brotam das duas partes da alma: a sabedoria filosófica, fruto da primeira; e a sabedoria prática, resulta da segunda. Três realidades operam na alma e controlam a ação: a sensação, o pensamento e o desejo. Aristóteles exclui a sensação do campo da reflexão, pois ela só inspira ações irrefletidas, mas o desejo é uma realidade da alma que não opera fora da reta razão. Dessa forma, temos um elemento para julgar a qualidade da ação, se ela for guiada pelo reto raciocínio, realizamos uma boa ação.

Por se tratar de uma realidade que tanto pode ser boa quanto má, o desejo é julgado pela razão. Por esse motivo seria lícito conhecermos antes o que desejamos,

logo que o raciocínio nos convença que é de fato bom, podemos assumi-lo em nossa conduta. Os prazeres maus não devem interferir nas nossas escolhas, bem como nos desvirtuar do bem, ou seja, a felicidade que não está nos divertimentos prazerosos da vida, mas sim nas atividades virtuosas. Somos dotados de uma inteligência prática que delibera sobre a qualidade dos nossos desejos, qualificando-os como bons ou maus.

Quando afirmamos que um desejo é bom é porque há uma concordância entre a razão e o desejo, isto é, a razão julga que o desejo é bom, não é prejudicial aos nossos propósitos, e por tal razão devemos realizá-lo. Logo, é necessário que exista concordância entre o alvo desejado e a razão em que a ação e as escolhas só sejam possíveis se houver similaridade entre desejo e razão, no que se relaciona ao raciocínio prático, sendo que o desejo buscará o que o raciocínio afirmar como fim.

Os desejos se manifestam livremente, podendo ser bons ou maus, porém só será lícito realizar os desejos que foram ponderados pela razão e julgados como bons. A forma mais perfeita de conhecimento será, portanto, a união da inteligência e da ciência na sabedoria filosófica. Porém, a sabedoria prática que delibera sobre as nossas ações, se constitui num mecanismo racional voltado para orientar o mundo da ação.

Podemos dizer que a sabedoria filosófica é a união da inteligência e da ciência (que demonstram as coisas invariáveis), segundo Aristóteles, ela é a mais perfeita forma de conhecimento. Enquanto a sabedoria prática se relaciona com as ações humanas, que são objetos de deliberação, às coisas particulares e variáveis que tenham uma finalidade específica dentro do mundo da ação. O melhor seria que atuássemos sempre a partir da sabedoria filosófica e da sabedoria prática, porém se não é possível realizar tal intento, devemos atentar que a sabedoria prática é mais importante porque nos orienta nas coisas práticas imediatas, aquelas que pedem uma resposta imediata.

## **A RAZÃO PRÁTICA E O SEU MÉTODO**

O pensamento de Aristóteles é sempre guiado por um método adequado ao tema a ser desenvolvido. Assim, há um método específico para a física, outro para a metafísica e ainda um para a filosofia prática. Acreditamos que a apresentação desse método facilita a compreensão de parte da argumentação aristotélica a respeito do relacionamento entre as duas realidades: felicidade e amizade. Aristóteles classificou as ciências em teóricas, aquelas acentuadamente guiadas por procedimentos dialéticos e

demonstrativos, e ciências práticas, segundo ele, nestas operaria outro tipo de racionalidade que não obedece ao mesmo registro, porém com aspectos que são comuns.

A filosofia prática, portanto, tem em comum com a teórica o fato de procurar a verdade, isto é, o conhecimento de como são efetivamente as coisas, e também a causa de como são os fatos de ser ciência. Sua diferença em relação à filosofia teórica é que, para esta última, a verdade é fim para si mesma, enquanto para a filosofia prática a verdade não é o fim, mas apenas um meio em vista de outro que coloca em prática a ação, sempre situada no tempo presente: não alguma coisa já existente, mas que deve ser feita agora. Enquanto, em suma, a filosofia teórica deixa, por assim dizer, as coisas como estão, aspirando apenas conhecer o porquê de estar em certo modo, a filosofia prática, ao contrário, procura instaurar um novo estado de coisas, e procura conhecer o porquê do seu modo de ser apenas para transformá-lo (BERTI, 1998, p. 116).

Os temas da amizade e felicidade estão situados no âmbito da filosofia prática, portanto, dizem respeito ao agir presente e transformador. Assim, a teorização desenvolvida por Aristóteles tem um claro propósito de orientar uma ação transformadora. Não se pensa sobre a amizade e a felicidade para deixar as coisas como estão, mas para efetivamente orientar a ação em vista de um fim que não se esgota no próprio conhecimento ampliado do tema. Não se teoriza para ampliar o conhecimento, mas para reorientar a ação.

Essa firme posição metodológica põe o pensamento do estagirita em contraposição ao pensamento platônico, “se for assim, saber o que é a excelência moral e a intelectual, não é o bastante; devemos esforçar-nos por possuí-las e praticá-las, ou experimentar qualquer outro meio existente para nos tornarmos bons” (ARISTÓTELES, 1996, p. 315), pois enquanto seu mestre manifesta a preocupação de conhecer a essência da amizade, a amizade em si mesma, distante das coisas deste mundo, como sendo suficiente para realização do bem, o discípulo pensa uma amizade que diga respeito ao bem comum, ao mundo da pólis que exige que um bem seja para todos. A amizade é pensada em função da pólis, da cidadania, do agir transformador que possa instaurar o bem comum.

No começo da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles acentua que o seu tratado tem como propósito responder a indagação sobre os fins da política. A argumentação apresentada toma como premissa que sendo o homem um animal de natureza social,



seria “sem dúvida estranho, também fazer do homem sumamente feliz um solitário, pois ninguém desejaria todo o mundo com condição de estar só, já que o homem é um animal social e um animal para o qual a convivência é natural” (ARISTÓTELES, 1996, p. 292), visto que sozinho não conseguiria suprir suas necessidades, e que a vida em comum regida por determinações políticas é a forma mais nobre da vida humana, assume-se que responder à indagação sobre os fins da política é o mesmo que responder sobre os fins do homem, pois “embora seja desejável atingir a finalidade apenas para um único homem, é mais nobilitante e mais divino atingi-la para uma nação ou para as cidades” (ARISTÓTELES, 1996, p. 119).

Sua resposta consistirá em esclarecer de modo convincente que os homens procuram a vida comum para viver bem e agir bem, e nisto consiste a felicidade. Assim, a melhor forma de governar uma cidade será aquela que propiciar aos seus membros alcançarem a felicidade, mas esta não seria completa sem amigos:

Todas as formas de associação são como se fossem partes da comunidade política; efetivamente, os homens empreenderem uma viagem juntos com o intuito de obter alguma vantagem e de obter alguma coisa de que necessitam para viver; e é com vistas a vantagens para seus membros que a comunidade política parece ter se organizado originariamente e ter-se perpetuado, pois o objetivo dos legisladores é o bem da comunidade, e eles qualificam de justo aquilo que é reciprocamente vantajoso (ARISTÓTELES, 1996, p. 269).

A instauração do bem comum diz respeito à vida coletiva e esta exige ser regrada pela ética. Logo sua obra *Ética a Nicômaco*, um tratado que aborda aspectos minuciosos do comportamento ético, ocupa os capítulos VIII e IX com uma demorada argumentação sobre a natureza e a importância da amizade. A razão dessa importância atribuída à amizade em um tratado de ética decorre de dois aspectos: o primeiro, por ser ela tomada por Aristóteles como uma virtude, uma excelência moral ou implicando virtude; o segundo, pela importância que assume nas relações humanas, já que os homens sempre elegem parceiros que privam de sua amizade, parece até não ser natural fazer a escolha contrária, isto é, escolher viver sem construir amizades, daí ele afirmar:

De fato ninguém deseja viver sem amigos, mesmo dispondo de todos os outros bens; achamos até que as pessoas ricas e as ocupantes de altos cargos e as detentoras de poder são as que mais necessitam de amigos; realmente, de que serve a prosperidade sem a oportunidade de

fazer benefícios, que se manifesta principalmente e em sua mais louvável forma em relação aos amigos? (ARISTÓTELES, 1996, p. 257).

Aristóteles responderá afirmativamente a essa sua indagação retórica e discorrerá sobre os diferentes tipos de amizade, de modo a poder apresentar uma amizade que seja essencial para uma vida feliz na cidade. Dessa forma, a amizade receberá uma classificação em três modalidades a partir das suas qualidades fundamentadoras. As primeiras são classificadas como amizades fundamentadas no prazer; as segundas estão baseadas na utilidade; e, por fim, as amizades motivadas pela virtude, classificadas como as amizades perfeitas pelo filósofo.

### **A DIVERSIDADE DAS VIRTUDES E DAS AMIZADES.**

Aristóteles apresenta na sua ética uma conceituação sobre as virtudes. É importante conhecer essa classificação, pois uma das formas de amizade, aquela que ele apresenta como a amizade perfeita, é assim classificada por ser ela virtuosa. Aristóteles apresenta três aspectos essenciais para se trabalhar com a noção de virtude: 1) As virtudes devem ser diferenciadas em intelectuais e éticas; 2) que as virtudes não são inatas, mas podem ser adquiridas; 3) entendê-las como uma ação moralmente boa. O primeiro aspecto se revela pelas diversas potências da alma humana, umas se revelam por meio da razão e outras pelas virtudes morais.

É importante destacar que as virtudes intelectuais podem ser adquiridas pelo ensino e pelo estudo. O conhecimento é o principal objeto das virtudes intelectuais. A virtude moral desenvolve-se por meio da atividade e da prática na comunidade, pois por meio do hábito e da vivência esta virtude é adquirida. Se formos buscar o sentido da palavra ética que vem do grego *ethos* que tem como significado o hábito, a virtude ética ou moral se revela deste modo, pela busca da vivência do bem na sociedade. Enfim, a virtude moral se mostra pelo o exercício de boas ações na comunidade no caso do pensamento grego na pólis.

Desse modo, teremos uma ação moralmente boa desenvolvendo-se por meio do uso da razão na ação humana, sobretudo, na prática do bem como algo essencial para a vida humana. Por isso, a ação moralmente boa consiste pela sua conformidade com a

reta razão, que se realiza por meio do justo meio, que consiste na justa medida, pois todo excesso o faz perder a excelência moral.

Sendo assim, nos afirma Aristóteles sobre a excelência moral: “A excelência moral se relaciona com as emoções, as ações, nas quais o excesso é uma forma de erro, tanto quanto a falta, enquanto o meio termo é louvado como um acerto”. (ARISTÓTELES, 1996, p.144 ). De acordo com a afirmação, o ser humano precisa buscar a excelência moral no cotidiano da sua vida, de forma que sejam renunciados todos os exageros na prática da ação moralmente boa, a fim de que estas ações o tornem um ser capaz de viver bem na sociedade:

Os amigos também ajudam os jovens a evitar os erros, e ajudam as pessoas idosas, amparando-as em suas necessidades e suplementando sua capacidade de ação reduzida pela senilidade. Além disso, os amigos estimulam as pessoas na plenitude de suas forças à prática de ações nobilitantes \_ “quando dois vão juntos...”, pois como amigos as pessoas são mais capazes de pensar e de agir. (ARISTÓTELES, 1996, p. 257).

Como pensamento prático, voltado para a ação, Aristóteles teoriza sobre a amizade possível em cada etapa da vida do indivíduo. Assim, para cada faixa etária, a amizade assumirá uma função específica. Entre os jovens a sua função é a de evitar que esses enveredem pelo caminho do erro, na maturidade inspirar um agir enobrecedor e os mais velhos recorrem a ela como um meio de suprir as necessidades que são decorrentes do avançar em anos, servindo de amparo para as carências que os anos nos trazem, à medida que algumas atividades declinam. Parceiros que se relacionam pelos laços de amizade, se fortalecem nas ações e no pensamento.

A argumentação de Aristóteles é baseada na compreensão de que devem existir mais de uma forma de amizade, decorrentes daquilo que os homens tomam como objeto do seu amor. Assim, ele apresenta três espécies de objetos de amor: o bom, o agradável, o útil. Dependendo do objeto para o qual direciona o seu amor, o homem realiza um tipo específico de amizade. Portanto, a amizade é dependente do conhecimento existente entre as pessoas, desde que desse conhecimento brote o sentimento de alcançar algum bem em relação ao outro. O que inspira o sentimento de amizade é a percepção de se obter algo de bom, agradável ou útil.

Desses três objetos nascem três espécies de amizade. Há uma hierarquia das amizades, pois aquela que é orientada pelo bem, dado o seu caráter de reciprocidade, será firme e duradoura. Aquela que é dirigida pelo agradável é mais comum entre os jovens. As pessoas idosas orientam suas amizades pelo útil, pois nesta idade buscam não o agradável, mas o que pode ser útil em função das necessidades. Os parceiros se procuram e se relacionam em função dos seus próprios interesses, assim são selecionados aqueles que podem proporcionar prazer ou serem úteis em razão de alguma carência.

Desse modo, compreende-se que o amigo não é valorizado e amado por seus méritos, mas porque pode proporcionar alguma vantagem. A amizade é estabelecida porque permite que se consiga algum bem. A amizade é um meio, não um fim em si mesmo. A amizade virtuosa se realiza porque os parceiros estão voltados para o bem do outro. As amizades efêmeras, assumidas como meio, buscam as coisas para si.

### **AMIZADE, PRAZER E VIRTUDE.**

A amizade fundamentada no prazer decorre de se acentuar aquilo que num parceiro é agradável ao outro. As pessoas que possuem simpatia podem conseguir estabelecer relações de amizade com muita facilidade, pois sua convivência é agradável e prazerosa, porém, não repousam sobre um sólido fundamento do caráter dos parceiros envolvidos.

Esse é um modelo de amizade facilmente encontrado, pois ela decorre das nossas inclinações em estabelecer relações que nos sejam imediatamente agradáveis, daí podermos identificar facilmente as diferentes amizades que são estabelecidas pelo prazer que elas proporcionam. As pessoas charmosas, graciosas, dotadas de fácil vivacidade, estabelecem relações de amizade com muita facilidade. Mas isso não se deve ao que são em si mesmas, e nem por causa do seu caráter, mas apenas por causa do prazer que podem proporcionar aos outros.

Outro fator apontado como motivador para se estabelecer relações de amizade é a utilidade, isto é, o bem que um pode proporcionar ao outro é o fator de aproximação, porém isso não envolve o caráter dos parceiros, mas a utilidade recíproca da convivência.

As amizades reguladas pela utilidade são também de natureza efêmera: facilmente se conquistam e facilmente se perdem. Podemos exemplificar com todas as relações que estabeleçam dependências mútuas. A relação de amizade se estabelece a partir da necessidade comum, mas uma vez que essa necessidade desapareça, desaparece também a amizade. Ou então quando temos um trabalho em equipe, cujo resultado dependa da solidariedade entre os indivíduos, ou grupos que lutem por objetivos ou causa comum. Essas pessoas não estão juntas por laços duradouros de amizade, mas por uma amizade de conveniência, em função do objetivo comum. Sendo assim, não se amam e não desejam a companhia umas das outras por si mesmas, mas mantêm uma relação de amizade porque isso resultará em um bem para si próprias.

A amizade construída a partir da virtude só se firma entre parceiros dotados de excelência moral, pois possuindo em comum a virtude, buscarão o bem um do outro com a mesma intensidade. Afasta-se da convivência por utilidade ou por prazer e busca o bem recíproco, sendo fundamental para as relações de cidadania na pólis pensada como comunidade:

A amizade perfeita é a existente entre as pessoas boas e semelhantes em termos de excelência moral; neste caso, cada uma das pessoas quer bem à outra de maneira idêntica, porque a outra pessoa é boa, e elas são boas em si mesmas. Então, as pessoas que querem bem aos seus amigos por causa deles são amigas no sentido mais amplo, pois querem bem por causa da própria natureza dos amigos e não por acidente; logo, sua amizade durará enquanto estas pessoas forem boas, e ser bom é uma coisa duradoura. Cada uma das pessoas neste caso é boa irrestritamente e boa em relação ao seu amigo, pois as pessoas boas são boas irrestritamente e são reciprocamente úteis (ARISTÓTELES, 1996, p. 260).

A amizade perfeita, aquela que se realiza segundo a excelência moral, na terminologia de Aristóteles, é dita perfeita porque não é efêmera e implica a reciprocidade, pois a cada ação em direção ao outro há um movimento recíproco na direção contrária, de modo que ambos os parceiros se beneficiam da amizade. Na amizade virtuosa, os parceiros buscam realizar o bem um do outro, e o fazem porque são dotados da virtude do bem, de modo que a amizade é vivenciada como uma decorrência do caráter dos parceiros, não por objetivos circunstanciais.

## AMIZADE VIRTUOSA E COMPORTAMENTO ÉTICO

Um aspecto interessante dessa caracterização é que indivíduos virtuosos podem estabelecer relações de amizade em função do prazer ou da utilidade, da mesma forma que o fazem aqueles que não são virtuosos. Já os homens não virtuosos só podem realizar relações de amizade pautadas pelo interesse ou pelo prazer, não atingem o ideal de uma amizade perfeita. Pois, apenas os bons podem estabelecer uma amizade segundo a virtude. Dessa forma, Aristóteles estabelece uma clara correspondência entre o comportamento ético e a amizade:

Com outras pessoas, então, sua atividade será mais contínua e será mais agradável em si, como deve ser para um homem sumamente feliz; de fato, uma pessoa boa se compraz com ações conformes a excelência moral e se constrange com ações decorrentes da deficiência moral, da mesma forma que uma pessoa dotada de sensibilidade musical se compraz com as belas melodias, mas sofre com as desagradáveis. A companhia das pessoas boas também nos exercita, de certo modo, na excelência moral, como disse Têogonis (ARISTÓTELES, 1996, p. 293).

A amizade perfeita e virtuosa assume essa clara função moral e moralizante, pois ao mesmo tempo em que realiza também inspira ações nobilizantes. A caracterização da amizade a partir dos elementos motivadores do prazer e da utilidade exige declarar que são amizades efêmeras desde o fundamento, não sobrevivendo a qualquer alteração desses elementos motivadores iniciais e não são nobilizantes. Se um dos parceiros perde o seu encanto proporcionador de prazer, ou se não é mais útil, então a amizade chega ao fim. Como a amizade repousava em uma motivação diferente dela mesma, não era virtuosa, desaparecendo a motivação, a instrumentalidade, não há mais razão para que ela permaneça.

Classificando as amizades a partir dessas inclinações que são os prazeres, os interesses e as virtudes, Aristóteles postula uma relação hierárquica entre elas. Só a amizade baseada na virtude receberá a confirmação de uma amizade perfeita, restando às outras duas que se realizarem na imperfeição, pois são relações acidentais, estabelecidas em função de outro fim que não a própria amizade. Quando se postula um fim diferente da própria vivência da amizade mesma, essa assume uma função instrumental, eis a razão de ser declarada a sua imperfeição:

Então, se a amizade é daquelas que visam ao interesse, seguramente a vantagem para o beneficiário é a medida. Com efeito, é a pessoa interessada no benefício que o pleiteia, e a outra a ajuda na presunção de que irá receber uma retribuição equivalente; logo, a assistência terá sido exatamente tão grande quanto à vantagem do beneficiário, e, portanto, sua retribuição deverá ser tão grande quanto aquilo que ele recebeu, ou ainda maior (isto seria mais nobilitante). Por outro lado, nas amizades alicerçadas na excelência moral não sobrevêm queixas; a medida do benefício parece ser a intenção de quem o faz, já que o fator predominante na excelência moral e no caráter é a intenção (ARISTÓTELES, 1996, p. 276).

Outro elemento acentuado nessa classificação é a igualdade dos parceiros, pois se não há essa igualdade, a possível superioridade de um dos parceiros fraudará a perfeição da amizade. Mesmo se realizando entre iguais e desiguais, se requer uma semelhança de status para se construir uma amizade duradoura.

Nesse sentido, a amizade é um bem para o cidadão enquanto indivíduo e membro da pólis, onde as relações de amizade ajudam o sujeito na esfera pública, possibilitando estreitar laços que conduzem a pólis a uma organização e obtenção do bem comum conduzida pela virtude da alma. Como uma realidade diretamente relacionada à virtude, confere nobreza ao indivíduo e assume função essencial para a vida na pólis pensada como uma comunidade, uma forma de associação que exige a convivência amigável entre os seus membros. A pólis é pensada como uma comunidade que exige dos seus membros mais que relações de interesses e necessidades.

Para Aristóteles, a amizade segundo a virtude se estabelece e concretiza entre os homens que são bons e semelhantes na virtude, ele afirma que: “Os bons serão amigos por eles mesmos, isto é, em razão da sua bondade. Esses, pois, são amigos no sentido absoluto do termo, e os outros o são acidentalmente e por uma semelhança com os primeiros” (ARISTÓTELES, 1996, p. 262).

O filósofo apresenta um ideal elevado de amizade, modelo sublime, pois nela cada pessoa buscará o bem do seu semelhante e vivenciará a amizade de forma verdadeira e duradoura, sendo assim, se torna algo que vem revelar a essência da felicidade. Um ideal a ser vivenciado na pólis. Por tal razão, a amizade guiada pela excelência ética deve ser exercitada nas relações humanas, de forma que deixem sua marca, sejam percebidas e valorizadas, funcionando como um elemento transformador das relações humanas.

## **AMIZADE, JUSTIÇA E FELICIDADE.**

A amizade virtuosa exige amar primeiro para depois ser amado. Tal exigência só pode ser realizada por aqueles que trazem no seu caráter a excelência moral, a virtude como forma de vida. A amizade virtuosa delinea o campo das ações moralmente boas, ou seja, as ações realizadas entre pessoas virtuosas, cujo ideal é praticar o bem entre si. Assim, percebemos algo característico do pensamento ético do filósofo, que é a busca pela felicidade, como algo inerente às relações humanas vivenciadas do ponto de vista da virtude. Compete a cada cidadão a responsabilidade de buscar, por meio da prática do bem na sociedade realizar o ideal de felicidade.

Reparem que Aristóteles coloca a amizade como um fator mais importante que a justiça, quando se pensa naquilo que pode ser um fator de agregação na pólis. Pois, mesmo possuindo um fim comum, afirma-se a superioridade da amizade em relação à justiça, pois a justiça é utilizada para solucionar desavenças que dizem respeito aos que não conhecemos.

Entre amigos a justiça é desnecessária, pois a amizade virtuosa e perfeita é a mais autêntica forma de justiça. De qualquer forma, a justiça e a amizade são fatores essenciais para permitir o desenvolvimento harmônico da pólis, harmonia que possibilite o estabelecimento das condições adequadas para o bem viver e para o florescer da virtude dos cidadãos, fatores essenciais para que eles alcancem a felicidade, o propósito último da vida comum.

De tal forma que sua utilidade é enfatizada, pois ela é um fator de coesão, ela mantém as pessoas e as cidades unidas. À medida que fortalece a unidade, afasta o faccionismo. Por tal razão, afirma Aristóteles:

A amizade não é apenas necessária; ela é também nobilitante, pois louvamos as pessoas amigas de seus amigos, e pensamos que uma das coisas mais nobilitantes é ter muitos amigos. Além disto, há quem diga que a bondade e a amizade se encontram nas mesmas pessoas (ARISTÓTELES, 1996, p. 258).

A amizade é postulada na argumentação aristotélica como uma realidade indispensável para a realização do bem supremo ao homem e fim último das nossas atividades: a felicidade, pois “uma pessoa sumamente feliz deve ter aquilo que deseja, ou então ela será deficiente sob este aspecto”. Portanto, o homem que tiver de ser feliz necessitará de amigos dotados de excelência moral (ARISTÓTELES, 1996, p. 295).



Nesse sentido, o filósofo destaca três qualidades fundamentais que os homens associam à felicidade: prazer, glória, e contemplação. Estes três modos de compreender a felicidade são articulados por um denominador comum, pois todos eles vão dizer que para o homem a felicidade é o fim último de nossas atividades e não um fim particular e circunstancial, sendo assim fontes de atividades espontâneas e virtuosas.

Como já vimos, o propósito do homem nas relações e associações que estabelece é a felicidade, “pois afirmamos que ela é o objetivo final da vida humana” (ARISTÓTELES, 1996, p.308). A amizade virtuosa é uma etapa necessária para realização deste ideal, podendo ser considerada além de uma conquista, como uma espécie de afirmação de suas virtudes e autonomia na busca do bem supremo ao homem que é a própria felicidade. O filósofo vai afirmar que a felicidade opera como um elemento imanente aos propósitos humanos virtuosos, pois é a sua própria felicidade que exigirá os relacionamentos de amizade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A argumentação apresentada por Aristóteles retrata as relações de amizade como sendo determinantes para que o homem possa tornar-se feliz. Por essa razão, ele argumenta que somente no âmbito da experiência de amizade será possível adquirir o que todos almejam: a felicidade. A forte relação entre a amizade e a prática das virtudes implica que a felicidade é consequência de uma vivência ética que envolve conhecimento, decisão e determinação. Tal doutrina ética será denominada de eudamonismo, isto é, a escolha de uma vivência ética que permite experiência a felicidade.

A relação entre a prática das virtudes e a felicidade é tão fortemente articulada por Aristóteles que o leva a afirmar que para construir amizades virtuosas, o filósofo não poderá prescindir de uma vivência ética e antes de tudo transformadora, distinguindo assim três espécies de amizades: a útil, a prazerosa e a virtuosa. A amizade virtuosa é a mais perfeita, pois ela acontece entre os verdadeiros amigos que são semelhantes nas virtudes.

Dessa maneira, Aristóteles associa a natureza da amizade com as motivações que impelem as pessoas a procurarem companhia. Esse procedimento argumentativo faz com que a amizade virtuosa seja tomada como a mais duradoura entre os homens, já que nas amizades por utilidade e por prazer as pessoas não se procuram por motivações

comuns e virtuosas: os amigos não são amados em si mesmos, mas por causa da utilidade e prazer que se encontram neles. Por tal razão, Aristóteles evidencia que de todas as amizades a única que é adequada para a vivência da felicidade são a amizades baseadas nas virtudes.

## ABSTRACT

The article presents the relationship between friendships and happiness. To better understand these relationships present as Aristotle will characterize the nature of friendships, their origins and classifications, thus placing the practice of virtues as one of the fundamental assumptions for the experience of human happiness. However, how Aristotle develops the theme of happiness does not deviate from the construction of political and social organizations that facilitate the common experience of happiness. For this reason, we present how the philosopher argues the virtues of diversity and features the friendship as the most perfect among all of them, so that it can be taken as a more important factor than justice.

**KEYWORDS:** Friendship, Virtue, Happiness.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**. Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

BERTI, Enrico. **As razões de Aristóteles**. Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

CHÂTELET, François. **História da filosofia** – ideias e doutrinas - A filosofia pagã. Tradução Maria José de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **Historia da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: PAULUS, 1990.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PELLEGRIN, Pierre. **Vocabulário de Aristóteles**. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.